

Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ

Coordenador: Prof. Vicente Dobroruka

Universidade de Brasília
IHD - Dpto. de História
Brasília -DF- 70910-900

www.pej-unb.org

"AS REFERÊNCIAS A DANIEL NA LENDA DE ALEXANDRE E SUA RELAÇÃO COM A ESCATOLOGIA BIZANTINA IMPERIAL"

**III SEMINÁRIO INTERNO DO PROJETO DE ESTUDOS JUDAICO-
HELENÍSTICOS - PEJ -, 26-28 DE NOVEMBRO 2008**

Raul Maravalhas

História / 5o. período

Prof. Vicente Dobroruka



Resumo / abstract



As referências a Daniel na *Lenda de Alexandre* e sua relação com a escatologia bizantina imperial

Nesta comunicação pretendo demonstrar o papel das referências ao livro canônico de Daniel¹ na chamada *Lenda de Alexandre*², texto escrito originalmente em siríaco, provavelmente no séc.VII d.C., levando-se em consideração sua relação com o contexto político e religioso no qual ela se insere³.

A *Lenda de Alexandre*⁴ se baseia em tradições lendárias acerca da vida do conquistador macedônio, cujos exemplares mais célebres são as diversas versões e recensões do *Romance de Alexandre*. É, no entanto, um texto intrinsecamente cristão, no qual as viagens e conquistas de Alexandre são entendidas não como obra de um conquistador pagão, mas de um pio servo de Deus. Neste sentido, o texto é orientado pela "escatologia imperial" bizantina, da qual falarei mais tarde.

A narrativa da LA inicia-se com Alexandre expressando seu desejo de viajar até os confins do mundo, a fim de conhecer os segredos do céu e da terra (a altura dos céus, quantos são os reinos do mundo, entre outras coisas).

¹ Para todas as passagens bíblicas usarei a *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

² Edição de Ernest A. Wallis Budge. *The History of Alexander the Great, Being the Syriac Version of Pseudo Callisthenes*. New Jersey: Gorgias Press LLC, 2003 (reimpressão da edição da Cambridge University Press de 1889). Pp.144-158. As referências à *Lenda de Alexandre* serão dadas, pela falta de uma numeração, com base nas páginas da edição de Budge.

³ As referências a Daniel na *Lenda* são sugeridas em uma nota por Gerrit J. Reinink. "Die Entstehung der syrischen Alexanderlegende als politisch-religiöse Propagandaschrift für Herakleios' Kirchenpolitik" in: Carl Laga et alli (eds.). *After Chalcedon: Studies in Theology and Church History Offered to Professor Albert van Roey for his Seventieth Birthday*. Leuven: Peeters, 1985. P.273.

⁴ Daqui em diante, LA. A tradução do inglês para o português de todas as passagens que se seguem é minha.



Apesar de aconselhado em contrário, ele reúne 320 mil homens, e antes de partir faz uma prece a Deus e promete:

E se o Messias, que é o Filho de Deus, vier nos meus dias, eu e minhas tropas iremos adorá-lo. E se Ele não vier nos meus dias, quando eu tiver conquistado os reis e tomado suas terras, eu carregarei este trono, que é um assento de prata sobre o qual eu sento, e o colocarei em Jerusalém, de modo que quando o Messias vier do céu, Ele possa sentar-se sobre o meu trono régio, pois o Seu reino dura para sempre⁵.

Alexandre então viaja ao Egito, onde recruta 7 mil ferreiros para irem consigo. Depois de navegar por onze mares, alcança o mortífero "mar fétido", o Oceano, e caminha até o local onde nasce o Sol. De lá Alexandre viaja para a nascente do Tigre e do Eufrates e depois segue para o Norte, até uma planície. Aqui ele acampa, proclama que vem em paz e convoca 300 anciãos à sua presença⁶.

Esses homens informam-no que aquelas terras pertencem a Tubarлак, rei da Pérsia da casa de Ahshôrah (Xerxes). Também falam de uma enorme montanha. Além desta residem os hunos, que têm como reis Gog e Magog, entre outros⁷. Segue-se daqui uma longa descrição acerca dos modos e costumes terríveis dos hunos, os quais são implacáveis na batalha e só agem quando Deus quer punir os homens⁸. Alexandre, então, decide fechar com um portão o espaço entre as

⁵ Budge, op.cit. p.146.

⁶ Idem, pp.147-149.

⁷ A referência a Gog e Magog aparece na Bíblia de um modo muito confuso. No Gn 10:2 se faz menção somente a Magog, tido aqui como filho de Jafé e descendente de Noé; em Ez 38, Gog, da terra de Magog, é dito o "príncipe e cabeça de Mosoc e Tubal" e é instrumento de Iahweh para castigar Israel; no Ap 20:7-10 Gog e Magog são nações reunidas por Satanás depois do reinado de mil anos de Cristo.

⁸ Budge, op.cit. p.151-154 O caráter punitivo dos hunos é mais explicitamente mencionado na LA na profecia escatológica de Alexandre (sobre a qual falarei mais adiante).



montanhas pelo qual os hunos invadem a região; para isso ele emprega os 7 mil ferreiros recrutados do Egito⁹.

Feito o portão, Alexandre manda gravar nele a sua profecia (redigida em primeira pessoa):

Os hunos irão conquistar o território dos romanos e persas [...] e irão voltar para seu território. Eu também escrevi que, completados 826 anos, os hunos irão passar pelo caminho estreito oposto a Haluras, [...] capturar nações, destruir estradas e fazer a terra tremer pela sua passagem. E de novo eu escrevi e fiz conhecer e profetizei que, ocorrerá, na conclusão de 940 anos¹⁰ um outro rei, quando o mundo irá encontrar um fim pelo comando de Deus, o senhor da criação¹¹.

Alexandre continua profetizando que, no fim dos tempos os pecados dos homens aumentarão excessivamente, de modo que Deus ordena a invasão dos hunos e das nações confinadas, fazendo destruir o portão construído por Alexandre. Os reinos dos hunos, persas e árabes, entre outros, virão dos confins dos céus e combaterão entre si, promovendo uma destruição generalizada¹².

Então irá o reino dos gregos [...] pegar um martelo de ferro na mão direita e um martelo de latão na mão esquerda [...] e bater um contra o outro [...] e assim o poder desses reinos irá derreter frente ao reino dos gregos, que é o dos romanos¹³.

Os reinos dos hunos e dos persas irão, portanto, derrotar uns aos outros. O império da casa de Alexandre irá

⁹ Idem, pp. 151-153.

¹⁰ O texto siríaco, que aqui parece estar corrompido, oferece grandes dificuldades. A contagem de 940 anos foi interpretada pela maioria dos estudiosos como referente à descrição que se segue da invasão escatológica dos Hunos. No entanto, Reinink, op.cit. pp.268-270, argumenta que a contagem de 940 anos não pode se referir a esse episódio escatológico, baseando-se, para tal, na lógica interna do texto.

¹¹ Budge, op.cit. p.154.

¹² Idem, pp.154-155.

¹³ Idem, p.155.



*destruir a Terra e os céus até os seus confins e não haverá ninguém, entre as nações e línguas que habitam o mundo, que faça frente ao reino dos romanos*¹⁴.

Ao tomar conhecimento do portão construído por Alexandre, Tubarлак decide enfrentá-lo com um enorme exército. Deus aparece, então, a Alexandre, avisa-o dos planos de Tubarлак e aconselha-o: "chama-me para que eu possa te ajudar, pois eu sou o Senhor e ajudo a todos que me evocam"¹⁵. Alexandre acata essa recomendação e invoca Deus, o qual aparece no campo de batalha e faz Alexandre sagrar-se vencedor. Tubarлак é capturado e propõe que a Pérsia seja, durante quinze anos, tributária a Alexandre, o qual acata a proposta. Então os dois reis concordam em mandar 6 mil romanos e 6 mil persas para guardar o portão. Antes de sua morte, Alexandre leva seu trono argênteo para Jerusalém, cumprindo a promessa feita antes de sua viagem¹⁶.

Feito esse resumo dos principais pontos da narrativa, partamos agora para a análise propriamente dita.

Embora seja ambientada durante o reinado de Alexandre, a LA, provavelmente composta durante o reino do imperador bizantino Heráclio (610-641 d.C.), refere-se em muitas passagens também aos acontecimentos de seu próprio tempo. Assim, a vitória de Alexandre sobre Tubarлак (nome cujo significado permanece envolto em mistério¹⁷) deve ser

¹⁴ Id. ibid. Podemos entender isso como o estabelecimento de um domínio mundial, o que se confirma pela profecia de Tubarлак. Idem, p.158.

¹⁵ Idem, p.156.

¹⁶ Idem, p.158.

¹⁷ Reinink, op.cit. p.279 sugere em uma nota a possibilidade de o nome se referir ao general persa de Cosroés II, Šahrbarâz, o que ainda não explica o nome Tubarлак. Em correspondência particular com o professor Vicente Dobroruka, este me sugeriu que talvez o nome se refira a Timur-i-leng (ou Tamerlão, no Ocidente), conquistador túrquico que pretendeu restaurar o Império Mongol e conquistou a totalidade da Pérsia. Caso isso se confirme, ou datação da LA deverá ser adiantada



encarada em referência à vitória de Heráclio sobre o rei persa Cosroés II, em 628 d.C.¹⁸, a qual foi vista em seu tempo como uma afirmação da fé cristã após uma "guerra santa" que opôs os "pios" bizantinos aos "idólatras" persas¹⁹.

Não cabe aqui enumerar os complexos argumentos elencados por Reinink para datar a composição da LA durante o reino de Heráclio²⁰. Que o texto não se refere somente aos tempos de Alexandre, mas também ao período bizantino, não há dúvida, como fica claro pela já citada passagem presente na profecia de Alexandre: "reino dos gregos, que é o dos romanos"²¹. Para se compreender essa ligação, deve-se desde já ter em mente que os habitantes do império bizantino se identificavam como romanos (*Rōmāioi*, em grego). O termo "bizantino", usado hoje em dia para designar esses "romanos", era na época apenas um modo arcaizante de se referir aos habitantes de Constantinopla (outrora chamada Bizâncio)²².

Além disso, as profecias *ex eventu* referentes às invasões dos "hunos" fornecem, por sua vez, evidência para datar a LA para o reinado de Heráclio. A identidade desse povo na LA parece ser diversificada e talvez se refira

para pelo menos o séc.XIV, ou a referência ao conquistador túrquico deve ser encarada como uma interpolação, uma atualização posterior.

¹⁸ Gerrit J. Reinink. "Alexander the Great in Seventh-Century Syriac 'Apocalyptic' Text" in: *Byzantinorossica* 2, 2003. P. 162. Sobre o reino de Heráclio e as campanhas contra Cosroés II, Walter E. Kaegi. *Heraclius: emperor of Byzantium*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

¹⁹ Suzanne S. Alexander. "Heraclius, Byzantine imperial ideology, and the David Plates" in: *Speculum* 52, 2: 1977. Pp.220-223.

²⁰ Para isso, Reinink, "Alexander the Great". Pp. 153-158.

²¹ Budge, *op.cit.* p.155.

²² David Olster. "Byzantine Apocalypses" in: Bernard McGinn (ed.). *The Encyclopedia of Apocalypticism: Apocalypticism in Western History and Culture*. New York: Continuum International Publishing Group, 2000. P. 50. Veja também nesse sentido Clifton R. Fox. "What, if anything, is a Byzantine?" in: http://www.romanity.org/htm/fox.01.en.what_if_anything_is_a_byzantine.01.htm. 13/11/2008 15h40.



também aos khazares. Estes, assim como os hunos, provieram do norte do território bizantino e apareceram, como aliados de Heráclio contra os persas em 627, e como inimigos em 629, atacando a Armênia bizantina (território bastante próximo às regiões em questão na LA), causando considerável destruição²³.

Assim, podemos afirmar com certa segurança que o autor da LA estabelece ligação e continuidade entre o império de Alexandre e o bizantino, e entre o próprio Alexandre e Heráclio. Essa sobreposição é feita por motivos apologéticos, tendo em vista a congruência de um dos principais eventos de seus reinados: a vitória sobre os persas.

O motivo pró-Bizâncio da LA, no entanto, não se limita à retomada de um passado de glórias para chamar a atenção do leitor para um presente igualmente glorioso. O futuro também possui um papel essencial nessa apologia. Nesse sentido, a profecia que Alexandre manda gravar no portão tem uma importância especial. Nela é dito, como já mencionei anteriormente, que após a invasão do mundo pelos hunos o império "da casa de Alexandre" (referindo-se aqui, como já demonstrei ao Império Bizantino) dominará toda a Terra, de modo que nenhum outro reino fará frente ao reino dos romanos²⁴. Mais à frente essa profecia é confirmada por Tubarлак, que profetiza que os romanos irão, por ordem de Deus, destruir a Pérsia e todos os outros reinos terrenos, só passando o domínio da Terra para o próprio Messias já no fim dos tempos²⁵.

Esse esquema, que combina presente e passado para criar um futuro no qual o Império Bizantino possui um papel

²³ Károly Czeplédy. "The Syriac legend concerning Alexander the Great" in: *Acta Orientalia Academiae Scientiarum Hungaricae* 7, 1957.

²⁴ Budge, op.cit. p.155.

²⁵ Idem, p.158.



escatológico vitorioso e uma estreita relação com a vinda de Cristo, é um tema bastante difundido na apocalíptica bizantina²⁶, como no *Apocalipse do Pseudo-Metódio*, por exemplo. Esse padrão, chamado por estudiosos modernos de "escatologia imperial", prevê o império como participante e executor do plano de Deus para a história e está intimamente relacionado com a profecia de Daniel referente aos quatro impérios mundiais.

A LA constitui mais um caso no qual a "escatologia imperial" dá sentido à história. Assim, duas passagens bastante semelhantes parecem fornecer referências a trechos de Dn nos quais sobressai o papel do império como executor do plano de Deus para a história. A primeira se dá na oração de Alexandre que precede o início de sua viagem para os confins do mundo:

*Ó Senhor [...] eu sei em minha mente que vós me exaltastes acima de todos os reis e que fizestes cornos sobre minha cabeça, com os quais eu possa derrubar os reinos do mundo*²⁷.

A segunda passagem é dita pelo próprio Deus a Alexandre, na ocasião em que Ele avisa do ataque iminente dos persas contra o acampamento desse último:

*Veja, eu fiz-te maior que todos os reinos e fiz crescer cornos de ferro na tua cabeça para que possas com eles derrubar todos os reinos da terra*²⁸.

Ao que tudo indica, esses trechos referem-se tanto à profecia das bestas presentes em Dn 7, quanto à visão do carneiro e do bode capítulo 8, e parecem combinar ambas as

²⁶ Olster, op.cit. p.52.

²⁷ Budge, op.cit. p.146.

²⁸ Budge, op.cit. p.156.



passagens da Bíblia com a tradicional representação de Alexandre com chifres²⁹.

Em Dn 7 têm-se no sonho de Daniel quatro bestas, cada uma representando um império vindouro. A última besta é retratada

*com enormes dentes de ferro, comia, triturava e calcava aos pés o que restava. Muito diferente dos animais que o haviam precedido, tinha este dez chifres*³⁰.

A interpretação dada é que esta besta se refere a "um quarto reino sobre a terra, diferente de todos os reinos. Ele devorará a terra inteira, calcá-la-á aos pés e a esmagará"³¹.

Já em Dn 8 tem Daniel a visão de um carneiro (que possui dois chifres), o qual "Nenhum animal podia resistir-lhe e ninguém conseguia se livrar do seu poder"³². Em seguida aparece

um bode que vinha do Ocidente e havia percorrido a terra inteira. E [...] tinha um chifre 'magnífico'

²⁹ A representação de Alexandre com dois chifres tem origem na lenda que o reputa como filho de Ammon, deus egípcio que possui chifres de carneiro. Uma geração após Alexandre já encontramos moedas cunhadas por Ptolomeu I Sóter e Lisímaco (rei da Trácia) nas quais Alexandre é representado com chifres. Além disso, um testemunho provavelmente contemporâneo a Alexandre, Ehippo de Olinto (cit. por Ahteneu 537e), diz que o próprio Alexandre desejava assemelhar-se com o deus Amon, usando para isso chifres e outros símbolos daquele deus. Também Clemente de Alexandria (*Exortação aos Pagãos* 4.187) queixa-se do fato de Alexandre querer ser representado com chifres; Andrew R. Anderson. "Alexander's horns" in: *Transactions and Proceedings of the American Philological Association* 58, 1927. Pp.100-103. Finalmente, Dn 8 refere-se, como mostrarei adiante, a Alexandre por meio da figura de um bode.

³⁰ Dn 7:7.

³¹ Dn 7:23. A quarta besta representa originalmente o reino de Alexandre e de seus sucessores, embora S. Jerônimo (*Comentário a Daniel* 7.6) a interprete como o reino dos romanos e a terceira besta como o de Alexandre. John J. Collins. *Daniel: a commentary on the book of Daniel*. Minneapolis: Fortress Press, 1993. P.312. George Cary. "Alexander the Great in mediaeval theology" in: *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes* 17, 4, 1954.

³² Dn 8:4.



*entre os olhos. Ele aproximou-se do carneiro [...] e atirou-se contra ele no ardor de sua força*³³.

A interpretação dada pelo anjo Gabriel é a seguinte:

*O carneiro que viste, com seus dois chifres, são os reis da Pérsia e da Média. O bode peludo é o rei de Javã*³⁴, e o grande chifre que havia entre seus olhos é o primeiro rei³⁵.

Seriam insuficientes as evidências para estabelecer uma relação entre a LA e as passagens de Daniel em questão, caso fosse considerado apenas o paralelo entre os chifres da quarta besta e do bode³⁶, e os chifres de Alexandre na LA.

Entretanto, devemos levar em conta primeiramente o fato de a história representada pela luta entre o carneiro e o bode em Dn 8³⁷ ser a mesma contada na LA, ou seja, a vitória de Alexandre sobre os persas. Da mesma forma, a quarta besta de Dn 7, tradicionalmente entendida como o reino de Alexandre, sucede à besta que representa o reino dos persas.

Outro fator, mais importante, a ser levado em consideração refere-se justamente ao modo como as profecias

³³ Dn 8:5-6.

³⁴ Javã é em Gn 10:2 o quarto filho de Jafé, cujos descendentes se estabeleceram na região da Jônia. A Grécia e os gregos são designados em hebraico e em outras línguas orientais pelo termo "Javã", cf. Matthew G. Easton. *Illustrated Bible Dictionary* in: <<http://www.ccel.org/ccel/easton/ebd2.EBD.html>> 20/11/2008 22h50.

³⁵ Dn 8:20-21.

³⁶ Na tradição bíblica, os chifres simbolizam poder (ver Zc 2:1-4; Ps 132:17; Lc 1:69; 1En 90:9). Acredita-se também que os chifres da besta fazem referência à representação de Alexandre e seus sucessores como chifrudos cf. Siegfried Morenz. "Das Tier mit den Hörnern: Ein Beitrag zu Dan. 7,7f." in: *Zeitschrift für Alttestamentamentliche Wissenschaft* 63, 1951. Cit. por Collins, op.cit. P.299.

³⁷ O bode é interpretado por Jerônimo e pela Peshitta como Alexandre, embora provavelmente este seja representado apenas pelo chifre. O ato de esmagar e pisotear do bode (Dn 8:7 e 8:10) encontra paralelo com o ato de "calcar com os pés" da quarta besta (Dn 7:7). Collins, op.cit. p.331.



apocalípticas de Daniel eram interpretadas no contexto bizantino.

Na LA, o último império, ou seja, aquele que passará "o domínio da terra para o Messias, que está por vir"³⁸ é, ao mesmo tempo, o de Alexandre e o de Bizâncio. Analogamente, o quarto e último império de Dn 7, originalmente referindo-se ao império de Alexandre³⁹ e de seus sucessores, passa a ser interpretado no medievo oriental como o próprio **Basiléia Rômaiwn**, i.e., o que chamamos hoje de império bizantino⁴⁰.

Assim, se originalmente o quarto império era tido como o mais terrível e abominável, agora ganha uma significação totalmente oposta. Ele torna-se o mais santo de todos e responsável, no plano de Deus para a história, por entregar o reino terrestre a Cristo, completando, por assim dizer, o padrão da "escatologia imperial".

Concluindo, acredito que a compreensão da narrativa da LA à luz da tradição apocalíptica daniélica e do padrão da "escatologia imperial" traz contribuições importantes. Essa leitura não só explica algumas particularidades da escatologia da LA, como a ausência do Juízo Final e da vinda do Anticristo, como também fornece mais um testemunho de como os bizantinos compreendiam e legitimavam o poder imperial, a um só tempo terreno e divino.

³⁸ Budge, op.cit. p.158. A idéia da passagem do reino terrestre para Cristo também é expressa na LA pelo simbolismo da deposição do trono de Alexandre em Jerusalém, conforme a promessa feita por Alexandre antes de sua viagem. Budge, op.cit. pp.146-147.

³⁹ Há consenso entre os historiadores modernos na interpretação dos quatro reinos (ditos reis) em Dn 7, os quais devem corresponder aos mesmos de Dn 2, i.e., Baiblônia, Média, Pérsia, Grécia. Os autores antigos e medievais, no entanto, variaram nas suas interpretações: ora a quarta besta é identificada com os gregos, ora com os romanos. Collins, op.cit. p.312.

⁴⁰ Olster, op.cit. p.54.